

MEMÓRIA, TERRITÓRIO E IDENTIDADE NA OBRA *O VENDEDOR DE PASSADOS* DE EDUARDO AGUALUSA

MEMORIA, TERRITORIO E IDENTIDAD EN LA OBRA *EL VENDEDOR DE PASADOS* DE EDUARDO AGUALUSA

Adriane Ester Hoffmann¹

Rita de Cássia Dias Verdi Fumagalli²

Resumo: Analisam-se, neste trabalho, as relações entre identidade, territorialidade e memória em *O Vendedor de Passados* (2004) de José Eduardo Agualusa, uma narrativa que une a história do protagonista Félix Ventura, um negro albino, mercador de memórias, e do narrador Eulálio, uma osga em sua terceira encarnação. Questões identitárias são estudadas com base na distinção entre identidade x, y, e z, proposta por Castells (2002), e nas reflexões acerca dos vínculos sociais da memória de Hall (2003). Enfatiza-se, ainda, acerca da memória, a construção, no presente, a partir de vivências/experiências ocorridas no passado, e como essa rememoração influencia a vida dos personagens. Por fim, estuda-se o papel desempenhado pelo território no romance, entendido não apenas como meio físico, mas como resultado das relações sociais. A metodologia a ser utilizada será a pesquisa bibliográfica, e o método de análise será o reflexivo.

Palavras-chave: Identidade. Território. Memória. *O vendedor de passados*.

Resumen: Se analizan, en este trabajo, las relaciones entre identidad, territorialidad y memoria en *El Vendedor de Pasados* (2004) de José Eduardo Agualusa, una narrativa que une la historia del protagonista Félix Ventura, un negro albino, mercader de memorias, y del narrador Eulálio, una osga en su tercera encarnación. Cuestiones de identidad se estudian sobre la base de la distinción entre identidad x, y, y z, propuesta por Castells (2002), y las reflexiones sobre los vínculos sociales de la memoria de Hall (2003). Se enfatiza, además, sobre la memoria, la construcción, en el presente, a partir de vivencias/experiencias ocurridas en el pasado, y cómo esa rememoración influencia la vida de los personajes. Por último, se estudia el papel desempeñado por el territorio en la novela, entendida no sólo como medio físico, sino como resultado de las relaciones sociales. La metodología a ser utilizada será la investigación bibliográfica, y el método de análisis será el reflexivo.

Palabras clave: Identidad. Territorio. Memoria. *El vendedor de pasados*.

1 Introdução

A identidade cultural caracteriza as pessoas pelo modo de agir, de falar, a partir dos modos específicos de sua cultura. É um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou seja, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado.

¹ Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Doutoranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: adriane@uri.edu.br

² Mestre em Letras pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/FW). Doutoranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: ritacassiafumagalli@gmail.com

Por isso, Castells (2002, p. 24) enfatiza o fato de que toda identidade é socialmente construída. Essa construção social sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder; Castells (2002) propõe uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades: 1) a identidade legitimadora: introduzida pelas instituições da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais; 2) a Identidade de resistência (tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade), criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação; e 3) a Identidade de projeto, que é a nova identidade a ser conquistada. Como Castells (2002, p. 24) ainda salienta, “Cada tipo de processo de construção de identidade leva a um resultado distinto no que tange à constituição da sociedade”.

Nessa premissa, Hall (2003) argumenta que existem “coisas” que agora estão “mudando”. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais.

Contrastando com os processos em operação para a construção da identidade individual, os processos fundamentais para a construção da identidade coletiva centram-se no nacionalismo, identidade étnica, e/ou identidade territorial; apresentam linhas de questionamento resultantes de processos contemporâneos de “(re)construção da identidade com base na resistência comunal”. (CASTELLS, 2002, p. 389).

Também, há a identidade territorial, que é extremamente relevante na obra em análise, o que permite, desde já, um primeiro cruzamento entre identidade e territorialidade. Raffestin (1993) considera que o espaço de uma comunidade não representa apenas local de sua morada, mas também referência de sua identidade. O território é uma vertente da sociedade, expressa não apenas no meio físico, mas como resultado das relações travadas entre os seres humanos. Como Haesbert (1993, p. 158) explica: o território “reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade, pela sociedade em geral”. Ao mesmo tempo em que mediatiza, é mediatizado por essas relações.

O território é de início, um espaço cultural de identificação; também é um lugar de ritos, expressando valores e confrontando crenças. Nesse sentido, Correa (1999) salienta que: “A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam”. (CLAVAL, 1999 apud CORRÊA, 1999, p. 4).

Uma das mais importantes características da identidade territorial, e que também se constitui como uma característica geral de conceito de identidade, é que ela se vincula necessariamente a uma dimensão histórica, o que pode ser entendido como imaginário social. Assim, o espaço que é referência para a construção da identidade passa a ser concebido como “condensamento” da memória coletiva. De acordo com Memmi, a construção do imaginário de identidade envolve, portanto uma escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade. (MEMMI, 1997 apud HAESBAERT, 1999, p.180).

Dessa forma, estudar os conceitos de identidade, território e memória é a base do referido artigo, que tem como objetivo analisa-los através da obra *O Vendedor de Passados*, de José Eduardo Agualusa. Ainda, verificar como estes influenciaram a tomada de decisões do personagem e, o tornaram apto a dar passados para os outros, o que faz com que conseqüentemente tenham um futuro, baseando-se em memórias herdadas e adquiridas, não necessariamente vividas.

2 Desenvolvimento

A narrativa da obra *O Vendedor de Passados*, de José Eduardo Agualusa, escrito em 2004, gira em torno de Félix Ventura, negro, albino e filho adotivo de um alfarrabista, a saber: que ou aquele que compra e vende alfarrábios e livros usados; ou, que ou quem coleciona, lê ou consulta alfarrábios com frequência. É ele o vendedor de passados do título, um prestador de serviços memorialísticos. O trabalho consiste em criar um passado digno e importante para aqueles que possuem um futuro em meio a tanta pobreza, faltando-lhes apenas uma boa árvore genealógica, ou uma memória criada capaz de impressionar. A ocupação incide não só em criar lembranças, mas prová-las e comprová-las com fatos e fotos, documentos, e tudo o mais que for preciso para assegurar que aquele novo passado seja, de fato, o verdadeiro.

Em um primeiro momento, apresenta-se revisão teórica sobre esses conceitos. Inicia-se apresentando os vínculos sociais da formação da identidade. A seguir, analisa-se a memória, enfatizando sua construção, a partir do feita no presente, a partir de vivências/experiências ocorridas no passado. Por fim, estuda-se o território, uma vertente da sociedade, expressa não apenas no meio físico, mas como resultado das relações travadas entre os seres humanos.

2.1 Identidade

Estudar o conceito de identidade implica a compreensão do que a constitui e de como esta se modifica. Manuel Castells “elucida a ideia de identidade, entendendo-a como um conjunto de atributos culturais inter-relacionados”. (CASTELLS, 2002, p. 156).

Para Castells (2002), um indivíduo ou um conjunto de indivíduos pode se perceber envolto por identidades consideradas múltiplas, sendo esta multiplicidade fonte de tensão nas ações coletivas. No romance em análise, percebe-se que o personagem central, em um enredo que mistura "antigamentes" fictícios com realidades não menos verossímeis, faz com que o leitor acompanhe o drama de uma osga que convive dramaticamente com as lembranças da sua encarnação humana, a insistência de um homem em perseguir e validar o passado comprado, e a agitação constante mas sutil de uma Luanda habitada por valas de lixo, por loucos e por elites que o são por engano.

A identidade está profundamente relacionada ao contexto histórico, social e econômico no qual o indivíduo vive. Como Correa (1999, p. 40) explica, está relacionada à espacialidade e é constituída por três elementos: a consciência da identidade, a exclusividade e a compartimentação da interação humana no espaço. Essas três categorias apresentam fácil relação, visto que a identidade espacial tem dentre os seus fatores de formação o senso de exclusividade e a interação humana no espaço. A identidade pode ser definida na territorialidade de um grupo social bem como na de um sujeito.

Baseando-se nessa premissa, pode-se averiguar que a obra *O Vendedor de Passados* possui um tema caro à literatura universal: a meta-literatura, que nesse caso pode ser subentendida em como contar a história de um escritor. O ofício de criar histórias e personagens de Félix Ventura para seus clientes é em muito similar ao de um escritor.

Além disso, outra passagem interessante e que chama a atenção: os inúmeros seres que precisam de uma trajetória para legitimar as máscaras que vestem demonstram como os personagens históricos são imortalizados com passados maquiados, enfeitados de fatos falsos, numa ficção memorialista, mas, criadora da identidade.

Numa das biografias forjadas, Félix se destaca ao criar para um de seus clientes um livro de memórias de um Ministro (A vida verdadeira de um combatente), que credita a este cliente, homem público, um conjunto de fatos notáveis para confirmar o personagem idealizado e contextualizado com as suas pretensões futuras. Nota-se nesse caso os vínculos sociais da memória, salientando-se as ligações entre a memória individual e a social criando a identidade do sujeito.

Nota-se nesse caso, em face dos problemas motivados por conceitos essencialistas de nação e construções de auto identidade baseadas em versões idealizadas de nacionalidade. Benedict Anderson sugere que as nações não são apenas entidades políticas soberanas, mas “comunidades imaginadas”. Em contraposição à construção de nação como certeza histórica e realidade estável, Bhabha (2005) ressalta a tensão entre duas forças contraditórias, a tendência de constituir uma identidade nacional baseada na origem ou evento e um processo performativo de reconstrução que deve substituir qualquer presença originária de povo nação, propondo a concepção de nação como forma de viver “a localidade da cultura”.

Interessa a Bhabha (2005) nação enquanto aparato de poder simbólico, e o modo como categorias como sexualidade, afiliação de classe ou diferença cultural se produzem no ato de descrevê-la. Dividida no interior de si própria, a nação torna-se antes disseminação, um espaço liminar de significação, marcado internamente pelos discursos de minorias, por histórias heterogêneas e pelas tensões causadas pela diferença cultural. Esta última não representa apenas controvérsias a tradições culturais antagônicas, mas seu objetivo é rearticular a soma do conhecimento a partir da perspectiva na minoria, perturbando discursos aceitos de poder/saber ao produzir outros espaços de significação subalterna.

Também, podemos trazer como exemplo da criação e modificação da identidade de Felix, o aparecimento do mendigo Edmundo Barata dos Reis, comunista assumido, ex-agente e ex-gente nas palavras do próprio, que cria novos rumos para a narrativa. Além disso, também influenciando a tomada de decisões, há uma trama de amor: Félix Ventura, vendedor de passados, apaixona-se por Ângela Lúcia, mulher que gosta de fotografar nuvens.

Esses dois personagens trazem ao enredo o conceito de temporalidade disjuntiva de nação que abre espaço para uma teorização do espaço intersticial ocupado especialmente pelas comunidades migrantes diaspóricas. Por sua natureza, a ideia de comunidade articula uma temporalidade cultural de contingência e indeterminação dentro do discurso social, permitindo uma divisão entre o privado e o público, o civil e o familiar, que ao mesmo tempo impossibilita o estabelecimento de uma linha objetiva de separação entre os dois. É, assim, uma forma de agência que “vaza pelos interstícios da estrutura objetivamente construída e contratualmente regulada da sociedade civil” (BHABHA, 2005, p. 316).

Tal como o conceito de nação, o conceito de identidade aqui empregado não é um conceito essencialista, mas estratégico e posicional. Como Stuart Hall, adota-se um conceito de identidade como sendo múltipla e constituída por “discursos, práticas e posições diferentes, que frequentemente se entrecruzam e são antagônicos” (HALL, 2005, p. 4); como uma “produção” está sempre “em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação” (HALL, 2005, p. 68). Sofre transformação constante, estando sujeita à influência da história, cultura e poder. Identidades, resume Stuart Hall, “são apenas os nomes que aplicamos às diferentes maneiras que nos “posicionam, e pelas quais nos posicionamos nas narrativas do passado” (HALL, 2005, p. 69). Não se trata porém de um passado factual, mas de um passado construído por intermédio da fantasia, memória, narrativa e mito. Assim identidades são, em essência, posicionamentos, “pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história” (HALL, 2005, p. 70).

a) Territorialidade

Ao se falar sobre territorialidade, é necessário distinguir entre dois conceitos intimamente relacionados, espaço e território. O espaço é, conforme Santos (2006, p. 51): “conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas a como quadro único no qual a história se dá”. Assim, espaço vem a existir pela ação do homem sobre o lugar. Já o território, “é um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, incluindo-se tanto o poder mais material das relações econômico-políticas, como a mais

simbólica das relações de ordem cultural”. (HAESBAERT, 2009, p. 68). O espaço primeiro se faz necessário para demarcar a existência do território; este último, por sua vez, é a condição para que o espaço se humanize.

Com referência à territorialidade, o romance traz a história de Angola, sua herança de Portugal e a relações existentes entre todos os países ligados por esse idioma comum, a língua portuguesa.

Ao discorrer sobre as estruturas territoriais, Claude Raffestin traça distinção entre as construções materiais e o ambiente. Este último conceito refere-se ao conjunto dos elementos físicos que circundam um ou mais seres vivos em relação entre si. Dessa forma, ambiente é a matéria viva que, uma vez trabalhada socialmente pelo homem, resulta na produção de um território, (RAFFESTIN, 2009).

Nesta história, um albino morador de Luanda, capital de Angola, elabora árvores genealógicas em troca de pagamento. Uma atividade um tanto quanto estranha exercida por um esquisito personagem principal - o vendedor de passados falsos, chamado Félix Ventura e uma lagartixa que, na verdade comanda toda a narrativa.

São prósperos empresários, políticos e generais da emergente burguesia angolana que têm um presente e um futuro próspero, mas falta-lhes um passado que não seja comprometedor. E arquitetar esse passado é uma empreitada no qual, o personagem principal Felix se encarrega.

A origem do termo território neste caso constitui-se, assim, num claro exemplo de que, como lembram Souza (2009) e Haesbaert (2009), um território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, incluindo-se tanto o poder mais material das relações econômico-políticas, como o mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural.

A relação da osga (Eulálio) com a sua casa é visceral. A osga percebe sua respiração, penetra-a em busca do útero "O corredor é um túnel fundo, úmido e escuro, que permite o acesso ao quarto de dormir..." A casa é o seu universo possível e seguro, distante dos campos minados de Angola, onde são revelados os segredos e fantasias que criam o presente para os que buscam novos passados. Também é o ambiente protegido para o resgate da vida de Eulálio, um ser comum que viveu quase um século na pele

de homem sem se sentir inteiramente humano e que agora se lamenta desses quinze anos com a alma presa ao corpo de lagartixa.

Felix está muito bem nessa empreitada, leva uma vida razoavelmente confortável até que uma noite essa rotina é rompida com a chegada de um estrangeiro, fotógrafo de guerra, que quer um passado completamente novo. De preferência que seja uma identidade angolana. Com o nome recente, José Buchmann, e uma fajuta e fabulosa árvore genealógica, passa a buscar os personagens a fim de confirmar sua existência fictícia.

José Buchmann procura o seu passado e, à medida que vai sendo criado por Félix Ventura, o encontro com algumas situações surpreendem com a possibilidade da coincidência com o absurdo. A busca de sua suposta mãe, a aquarelista norte-americana Eva Mullher, a narrativa do corredor cheio de espelhos e de sua povoada solidão no apartamento em Nova Iorque, a aquarela encontrada e o anúncio de sua morte na Cidade do Cabo, tudo vai colorindo e recheando essa nova identidade formada com base em um território.

Neste caso, tomando a noção de comunidade como “o suplemento antagônico da modernidade” o teórico indiano medita na possibilidade de uma poética da comunidade “intersticial”. (BHABHA, 2005, p. 317) através da qual a diferença seja construída. Assinalando que as articulações de diferença nunca são singulares ou binárias, propõe o entre lugar como o espaço de construção das formas de identidade social, que “devem ser capazes de surgir dentro-e-como diferença de um-outro”. (BHABHA, 2005, p. 322). É de dentro de um tempo e espaço intersticiais ou da “intermediatidade” da história que Bhabha (2005) visualiza uma agência de iniciação que permite retomar de modo novo “os signos da sobrevivência, do território de outras histórias, do hibridismo das culturas”. (BHABHA, 2005, p. 324). Esse espaço híbrido, ou “Terceiro Espaço”, que possibilita evitar políticas de polaridade ao mesmo tempo que propicia emergir os outros de nós mesmos, corresponde a um momento de tradução cultural, compreendido como a rearticulação, ou tradução, de elementos que não são “nem o Um . . . nem o Outro ... mas algo a mais, que contesta os termos e territórios de ambos (BHABHA, 2005, p. 55). Afinal, como lembra Bhabha, “é o “inter” – o fio cortante da tradução e da negociação, o entre-lugar – que carrega o fardo do significado da cultura”. (BHABHA, 2005, p. 69).

b) Memória

A memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado. Não há memória desvinculada do espaço. Halbwachs (2004) comenta que a memória tem caráter primordial para elevação de uma nação ou de um grupo étnico, pois aporta elementos para sua transformação.

Os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva são, em primeiro lugar, os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer: há pessoas que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa, como por exemplo, antepassados, que fazem parte de sua história pessoal, muito embora jamais os tenha encontrado. A memória é, pois, em parte, herdada, não se referindo apenas à vida física da pessoa.

A memória tem caráter primordial para elevação de uma nação ou de um grupo étnico, pois aporta elementos para sua manutenção e transformação. Os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva são, em primeiro lugar, os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer: há pessoas que, sem pertencerem necessariamente ao espaço-tempo de alguém, fazem parte de sua história pessoal. É o caso, por exemplo, de antepassados com os quais jamais alguém haja convivido, mas que passam a integrar sua memória a partir de relatos e/ou registros (como o fotográfico, por exemplo) de familiares que com eles conviveram. A memória é, pois, em parte, herdada.

A memória herdada e criada do texto vem através de uma osga, espécie de lagartixa, que vai contar histórias para um negro albino, Félix Ventura, e este fabrica histórias de vida para seus clientes, ou seja, cria uma genealogia de luxo para quem o contrata.

Dois seres, um albino e uma osga (lagartixa), vivem à sombra e compartilham vivências, sonhos e criações. A osga busca na sua pretérita vida humana, vestígios de outra reencarnação, a fim de compreender suas emoções e reconhecer os vestígios literários e a sua aguçada percepção.

A Osga tem um nome. É chamada de Eulálio por Félix, o homem que vende os passados. E ela/ela quem vai narrando a história. O albino, Félix Ventura, busca a realização de um presente para si alicerçado nos alfarrábios que lhe serviram de berço. Sua mãe, de Eulálio, aparece em seus sonhos (memórias da vida humana), fala sobre a realidade e o sonho e aconselha: Nos livros está tudo o que existe, muitas vezes em cores mais autênticas, e sem a dor verídica de tudo que realmente existe. Entre a vida e os livros, meu filho, escolha os livros.

Entre uma venda de passado e suas implicações, são apresentados os problemas de uma osga (fugir de lacraus, e refrescar-se do calor) e seus sonhos. E temos ainda que contornar o problema de um narrador animal que age como um ser humano sem uma nítida compreensão animal do mundo. A lucidez da osga é admirável: “A única coisa que em mim não muda é o meu passado: a memória do meu passado humano. O passado costuma ser estável. Está sempre lá, belo ou terrível, e lá ficará para sempre”.

3 Considerações finais

É pela memória que a narrativa se constrói: acontecimentos do presente, que de alguma forma lembram o passado, desencadeiam devaneios rememorativos. Também é pelas memórias que se pode acompanhar a constante procura pela sua identidade cultural. É pelas relações sociais e culturais que se constroem os processos de identificação, conscientes ou inconscientes. Recupera-se, também, através da memória, a territorialidade e espaço.

O contexto dessa narrativa não raro ilumina a complexa natureza da representação, bem como leva à reflexão sobre as práticas excludentes tanto de parte do colonizador (exclusão da história e da capacidade de autoria) como das originárias de violência doméstica, sentidas na vivência do dia a dia, tanto no contexto doméstico propriamente dito, como nos contextos sociais e culturais que evidenciam tensões e interseções entre sexo, raça e nação. Nesses contextos, as relações entre personagem e lugar, especialmente entre homem negro albino e lugar, fazem com que o vocabulário se abra em sua riqueza polissêmica. Muito mais do que espaço, lugar refere-se, frequentemente, também a posicionalidade, como Sue Kossew observa a propósito do contexto da literatura escrita por mulheres na Austrália e na África do Sul (2004).

Assim, tal obra colaborou na compreensão, não só dos complexos mecanismos que envolvem o conceito de territorialidade, mas a forma como esse conceito tem sido representado na literatura, e ajudado a formar a própria identidade cultural dos povos. Também, descobriu o papel que memória (e ou esquecimento/apagamento) têm na formação da identidade territorial de um povo.

REFERÊNCIAS

- AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro. Gryphus; 2009.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed:UFMG, 1998.
- BERND, Zilá. *Literatura e Identidade Nacional*. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CORRÊA, Roberto L.; ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2003.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.

HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste*. Niterói: EDUFF, 1997.

_____. Território, cultura e des-territorialização. In: OSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro. Imago. 1991.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5 ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp. 2003.

RAFFESTIN, Claude. *A produção das estruturas territoriais e sua representação*. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savériio. (Org.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas. SP. Editora da Unicamp. 2007.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e emoção*. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

Artigo recebido em: 22/06/2019

Artigo aceito em: 08/07/2019